



Jornal **o Germinal**

Tambores do Vento que Vem

*Em processo de construção de um novo coletivo
estudantil, classista e socialista!*

As mensagens deixadas nas tantas ruas de Junho e Julho de 2013 ecoam ainda imprecisas em nossas memórias. Junto a elas, múltiplas tentativas de desvelar ou consolidar o porquê de tanta indignação, quase tão numerosas quanto as saídas propostas para a crise enraizada na sociedade. As juventudes ocuparam de forma massiva os espaços públicos das cidades brasileiras, criando as gigantescas manifestações que tiraram de foco a Copa das Confederações e quebraram as grades de programação diária das grandes emissoras. Apesar das reivindicações difusas e do sequestro das pautas pela grande mídia, percebeu-se a constante negação de uma “política tradicional” e a grande resistência a repressão policial, seguidos de uma reação através de enfretamento corporal com o aparato policial e destruição de patrimônio público e privado, que revelam a insatisfação com condição de vida dos jovens e dos trabalhadores, bem como a busca por uma alternativa societal. A pauta inicial da redução da tarifa do transporte público foi atendida em diversas localidades e o movimento diminuiu, com promessa de retorno na Copa de 2014. Cabe lembrar que contribuiu para essa diminuição a brutal repressão policial que inclusive tende a aumentar se aprovada a Lei Geral da Copa.

Nesse contexto ímpar, a esquerda teve respostas insuficientes, ainda refém de seus próprios vícios. Não foi diferente no movimento estudantil, mesmo com as organizações políticas recentemente saídas dos maiores congressos de movimento estudantil que ocorrem neste ano, o CONUNE (Congresso da UNE) e o CONANEL (Congresso da ANEL), nenhuma das entidades conseguiu, ser o centro organizativo de um pólo de esquerda das manifestações. Novamente ficou comprovado, na política e no movimento real, o que as organizações insistem em negar para manter seus cargos, estruturas e autoconstrução: que a luta requer unidade, muito para além da institucionalidade, por fora dela, entre setores combativos. Por mais que a vanguarda do movimento estudantil mantenha um nível de politização em suas organizações, a dificuldade de dialogo entre os coletivos estudantis e destas com o restante da sociedade e o conjunto dos estudantes ainda é muito perceptível.

Mas, a necessidade conjuntural de unidade entre a esquerda e da construção de uma política para além de instâncias superestruturais ficaram expressas na reação violenta de manifestantes a setores organizados. Ficou ainda mais evidente: a reorganização do movimento estudantil (e da esquerda como um todo) é uma necessidade histórica, que precisa ser tratada com seriedade por todos que buscam intervir no movimento. Duas lições claras de Junho e Julho: primeira, precisamos nos organizar, muito mais, para os próximos momentos de luta em nosso país, reinventando formas de atuação coletiva; segundo, a responsabilidade com o movimento deve estar acima da prioridade com a autoconstrução de suas organizações, esta não sendo um fim em si mesmo e aos egos nela contidos.

No último período, militantes oriundos do Coletivo Barricadas Abrem Caminhos e militantes independentes iniciaram um processo de construção de um Novo Campo de Movimento Estudantil e Juventude, constituindo o Jornal Germinal. Seguimos em processo de formação, amadurecendo e construindo síntese, formulando, analisando e atuando nos fenômenos que ocorreram e ocorrem nos últimos meses, bem como nos espaços típicos do movimento estudantil. Percebemos um crescimento da Oposição de Esquerda da UNE e da ANEL-Assembleia Nacional dos Estudantes livre, bem como a volta à ativa, de forma contínua, do FENEX-Fórum Nacional de Executivas e Federações de Curso, com sua articulação mais próxima ao ANDES-SN e ao movimento da educação, sendo necessário que esse crescimento e articulação chegue à base do movimento nos nossos locais de estudo.

Entramos agora em período de encontros de área, nos quais procuraremos expressar e debater os acúmulos de nossa construção. Esta segunda edição do Jornal Germinal é um novo convite ao debate e à organização política, para que conjuntamente criemos uma sociedade livre da exploração e da opressão do homem pelo homem e da mulher pelo homem.

BOA LEITURA

DAS LUTAS NÃO NOS RETIRAMOS se o novo sempre vem, germiná-lo com força é tarefa de todos/as nós!

"A HISTÓRIA SÓ SURPREENDE QUEM DE
HISTÓRIA NADA ENTENDE" (K. MARX)

É preciso dizer: **vivemos um novo momento histórico em nosso país!** Se junho e julho de 2013 entram para a nossa história, com cerca de 500 municípios do Brasil realizando protestos, entram como os meses em que **as ruas substituíram os gabinetes, as lutas substituíram o conformismo, o enfrentamento substituiu a conciliação, a unidade mais uma vez demonstrou ser necessária contra a fragmentação e a autoconstrução e o trabalho de base de fundamental importância.**

As mobilizações não surgiram do nada. Elas não nasceram em um evento do facebook, como alguns simplistas insistem em afirmar. Pelo contrário, são fruto de uma indignação composta pelos mais diversos ataques à classe trabalhadora e à juventude; de um povo que não tem do transporte à moradia, do salário digno à educação e à saúde pública e de qualidade. Não existe o Brasil que o Partido dos Trabalhadores disse ter criado - um país sem miséria.

Ainda vivemos em uma sociedade capitalista. A crise do capitalismo estourou mais uma vez e suas contradições geram, por si só, a necessidade de movimento, de mudança, de ruptura. A juventude e os trabalhadores foram às ruas retomar o que nenhum capitalista ou governista lhes pode tirar: a força de sua voz, de seu corpo e de sua coletividade, buscando formar-se enquanto algo mais do que individualidades dispersas.

Vivemos em um Brasil apaziguado pela cooptação e apassivamento dos movimentos sociais e da classe trabalhadora. Falsas respostas a todo tempo eram dadas como as únicas possíveis, como a constante institucionalização das lutas. Uma coisa é certa: se não podemos negar que há sinais de que a reorganização da esquerda está em curso; também não podemos subestimar a força que tem o ânimo das ruas e a vontade de transformação de nossa gente!

Sempre afirmamos: **aqueles que acordaram nessas mobilizações devem respeitar todas e todos que, por décadas, não dormiram no Brasil.** Diga-se claramente: desde 2002, nos mais diversos ataques dos governos do PT à população, sempre houve quem resistisse à reforma da previdência, à contra-reforma universitária, às privatizações de inúmeros serviços (portos, correios, hospitais universitários), para além de estatutos do nascituro, defesas de cura gay, entre outros. **Mas não ter faltado quem resistisse não significa que éramos muitos.** Pelo contrário, éramos poucos, e dentre esses poucos o que mais sobrava eram vícios de fragmentação, autoconstrução e sectarismo.

As mobilizações ensinam, mesmo aos que já estavam acordados, e que é preciso acordar muito mais. Aos que seguem o "espírito petista" - filiados ou não - é necessário acordar da conciliação de classes, do institucionalismo, da submissão às classes dominantes e da indiferença com a ausência de reformas estruturais em nosso país. Já aos que estiveram na sua oposição de esquerda, é necessário acordar, primeiramente, da repetição da tragédia petista: não podemos apostar todas as forças nas eleições e na institucionalidade. Mais do que isso, é importante estarmos mais do que nunca ao lado dos movimentos sociais e dos trabalhadores, e estar sempre disposto à luta, ao lado da classe oprimida e explorada, dialogando com suas contradições, e não as moralizando.

A reprodução da ideologia dominante por parte de quem está nas ruas não deveria nos surpreender. O que deveria nos surpreender é nossa incapacidade de buscar nas reivindicações as contradições que nos permitem uma aproximação e debate rumo ao processo de consciência e vitórias frente ao sistema dominante. Nossa luta não é com meia dúzia de iluminados, mas justamente com quem sofre de inúmeros contrassensos por ter como único lazer e fonte de informação a mídia hegemônica. É contra essa mídia, e principalmente contra aqueles que a financiam e a quem ela serve que se faz nossa luta.

E seguimos nas ruas. A demonstração direta disto são as ocupações das Câmaras, Prefeituras e Assembleias que tem ocorrido em mais de treze cidades ainda no mês de julho (como Porto Alegre/RS, Osasco/SP, Belo Horizonte/MG, Belém/PA e Salvador-BA). Em Porto Alegre, por exemplo, foram oito dias de ocupação da Câmara de Vereadores, com ampla democracia interna e vitórias concretas do movimento! É não deixar de dizer: só a luta muda a vida!

O governo federal, em contraposição e como de costume, apresenta uma série de falsas respostas. Nenhuma inflexão na política econômica, nenhuma proposta de maior destinação orçamentária à saúde, à educação, à moradia; nenhuma palavra sobre os megaeventos, a violação de direitos realizada pela Copa do Mundo e Olimpíadas; nenhuma proposta de revisão das concessões aos grandes veículos de comunicação e nenhuma proposta para a desmilitarização da polícia, nem menção à violência sistemática de que são vítimas principalmente pobres e negros/as em nosso país. O plebiscito proposto por Dilma, não atendem as demandas reais que foram exigidas nas ruas.



Na luta cotidiana, é nosso papel permanecer em defesa das bandeiras dos movimentos sociais e sindicais, como passe livre, moradia digna, saúde e educação públicas e de qualidade, pelo fim do fator previdenciário e redução da jornada de trabalho sem redução dos salários. A organização dessas lutas só se dará com ampla democracia e unidade dos setores combativos, realizando-se assembleias e debates coletivos!

É necessário ter firmeza. A luta não começou agora, mas um novo momento está dado. Fortalecer o movimento e articular suas bandeiras é tarefa prioritária!

Romper os velhos vícios, gerar processos de consciência, fazer trabalho de base!

O remédio da apatia vem sendo vendido a atacado. A presidenta Dilma Rousseff dá uma orientação em seu pronunciamento de julho: manifestantes, lutem, mas de forma “pacífica e ordeira”. Na prática: a obediência forçada. Continuamos sendo entupidos de genéricos que nos calam, que nos fazem achar das contradições diárias formas normais de vida. A juventude que foi às ruas gritou pelas veias: “sem bandeira, sem partido”. Mas o asco pelas organizações partidárias não vieram do acaso. A orientação da presidenta não é de agora, estivemos por dez anos apassivados, pacificados, fragmentados e, pior: distantes da possibilidade de transformação social.

Mas, tais relações que se deram no último período e a consciência de amoldamento à ordem não vieram do nada, não podem ser explicadas por si mesmas. Ao contrário, nossa consciência social tem suas raízes nas condições materiais de nossa existência e, portanto, é natural que se assuma como nossa própria visão de mundo a concepção de mundo daqueles que detêm os instrumentos de produção do conhecimento, isto é, que as ideias dominantes sejam as ideias da classe dominante.

Há, entretanto, um entrave: a vida real não combina com o discurso ideológico. O que somos ensinados a pensar nada tem a ver com o que de fato vivemos. Dizem-nos que venceremos na vida se trabalharmos, mas a classe trabalhadora não está vencendo em nada. Dizem-nos que se entrarmos na faculdade, a vida estará feita, mas só somos empurrados cada vez mais para um mercado de trabalho competitivo e precarizante. Dizem-nos que é essencial o tripé pesquisa, ensino e extensão na universidade, mas somos obrigados a cumprir uma carga horária excessiva e fazer um estágio para sobreviver, o que não nos dá tempo para realizar qualquer outra atividade, seja acadêmica, seja social.

Por não ser autônoma ao mundo do trabalho, a universidade apresenta a todo tempo as contradições de seu elitismo, machismo, racismo, homofobia. Ainda mais, as características de precarização e mercantilização da educação traduzem o ensino cotidiano em aulas que ignoram os problemas sociais, os problemas da educação e também os problemas estruturais dos próprios cursos. A educação responde às demandas do mundo trabalho: os profissionais, na lógica do capital, são formados para serem submetidos ao capital.

Vivemos contradições no trabalho, na universidade, dentro de casa. E é porque existem contradições que estão todos indignados, mas não é porque estão todos indignados que há um projeto de superação dessas contradições. O desejo de mudança por si só não basta, é preciso que seja transformado em uma nova consciência de superação da realidade que vivemos, que só será alcançada coletivamente.

Fundamental é, portanto, que o movimento estudantil, enquanto campo de ação que sofre o mesmo período de refluxos e ataques que a classe trabalhadora enfrenta, gere processos de consciência, realize trabalho de base, a partir de suas contradições diárias de vivência. O trabalho de base consiste em fazermos compreender uma leitura da realidade material, a partir da totalidade, para formar sujeitos ativos de uma transformação social. É preciso fazer compreender que as reivindicações pontuais, que se relacionam às condições precárias da universidade, estão relacionadas com o modelo de educação que hoje está dado pelo Governo Federal e mais, com o modo de produção capitalista.

Disso tudo não há outra conclusão senão a de que a universidade é um campo efetivamente necessário para o trabalho de base, e incentivarmos a auto-organização coletiva de nós estudantes, em Coletivos Estudantis, Centros e Diretórios Acadêmicos (CAs/DAs), Diretórios Centrais de Estudantes (DCEs), sendo promovidos espaços de discussão e formação, organizando caravanas para os encontros de curso-área, realizando assembleias, organizando bandeiras de luta e agindo na defesa de educação que atenda aos reais interesses dos trabalhadoras.

Dentre os espaços nacionais já existentes, destacamos o Fórum Nacional das Executivas de Curso (FENEX) que tem sido um importante espaço de articulação da esquerda do movimento estudantil, que se propõe a planejar nossas intervenções para os encontros de área, sendo um encontro necessário para traçarmos caminhos comuns. Mas apresentando a necessidade de avanços em fóruns que possibilitem uma maior unificação na luta dos estudantes, sendo os Fóruns da UNE, com a frágil Oposição de Esquerda e o Congresso da ANEL, espaços limitados e que não contemplam as expectativas da necessária unificação.

É necessário, portanto, ouvir os ruídos de nosso tempo, identificar as contradições e organizar suas superações! O movimento estudantil deve retornar para os movimentos de área, compreendendo que não deve almejar apenas conquistas de resultados imediatos, mas problematizar as contradições existentes na universidade e fora dela, permitindo que a consciência de estudantes avance em uma perspectiva revolucionária!

TODXS AO ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO!

A educação pública brasileira corre cada vez mais riscos. A implementação de programas de contrarreforma universitária pelos governos federais, pautados na lógica da transformação da educação em mercadoria, são colocados na perspectiva de salvar as empresas privadas, por intermédio do ProUni, ou se precarizar as condições de ensino, aprendizagem e trabalho nas instituições públicas, com a criação de “escolões” de formação aligeirada e alguns poucos centros de excelência. Basta observar que, de acordo com dados do ANDES, as verbas de uma vaga no ProUni custeariam 3 vagas nas universidades públicas, aí incluída a assistência estudantil, que o programa não prevê. No mesmo sentido, nas universidades federais, a expansão do acesso – algo que os movimentos ligados à educação sempre pautaram – veio desacompanhada de respectivos investimentos em estrutura e contratação de professores, por exemplo, implicando em precarização da educação pública, sua deslegitimação e consequente concessão para o empresariado.



São também evidências da política de mercantilização da educação programas como PRONATEC, que colocam a educação à serviço do mercado pra formar mão de obra barata; ou ainda o desmonte das escolas de educação básica, nas quais começam a ser aplicadas reformas que diminuem a importância de áreas de conhecimentos e substituem a necessidade de contratação de professores qualificados pela utilização de vídeo-aulas, por exemplo. Ou seja, é a lógica mercantilista atingindo todos os níveis de educação.

A esquerda combativa tem resistido arduamente a este ataques

à educação pública, que vêm desde os governos federais do PSDB e que tiveram continuidade, com poucas nuances, nos governos do PT. Recentemente foram articulados espaços de atuação unitária importantes como a Frente de Lutas Contra a Reforma Universitária, o Seminário de Uberlândia que formulou a Campanha dos “10% do PIB pra educação pública já!” e a greve unificada de 2012. Entretanto, estas experiências não chegam a repercutir na manutenção da unidade para além delas mesmas, desarticulando as pautas e enfraquecendo o potencial de resistência e ofensiva dos movimentos pela educação pública.

A tarefa, acreditamos, é unificar as lutas de forma programática e construir um projeto unitário e contundente por uma educação pública da e para a classe trabalhadora! Nesse sentido, surge a proposta do ANDES, tirada no seu do 32º Congresso, que chama para a construção de um “encontro nacional sindical, estudantil e de movimentos sociais em prol da educação pública”, para junho de 2014, que objetive a) “um diagnóstico comum da correlação de forças nas lutas educacionais”; b) “elaborar diagnósticos, táticas e estratégias de luta, enfatizando aspectos organizativos”; e c)

“construir uma metodologia de discussão de propostas educacionais dos trabalhadores”.

Confiamos no Encontro Nacional da Educação (ENE), portanto, como um espaço de extrema importância para a reunificação das esquerdas combativas e a possibilidade de construção de um projeto classista e emancipatório de educação, que alie as experiências e contribuições de trabalhadores, estudantes e movimentos e possa se colocar com força contra as ofensivas mercantilistas e privatizadoras de governos e do capital.

Entre em contato conosco e germine a luta na sua cidade!

CURITIBA/PR:

MARIANA TABUCHI (MARIANA.TABUCHI@GMAIL.COM - 41 9660.9927)

HENRIQUE KRAMER (KRAMER.HENRIQUE@GMAIL.COM - 41 9187.0051)



FLORIANÓPOLIS/SC:

LETÍCIA SUPPITZ (LETICIASUPPITZ@LIVE.COM - 48 9652.5977)

MICHELY CHRISTINE VIEIRA (MICHELLY.CV@GMAIL.COM - 48 4106.0181)

TOLEDO/PR:

LUCIANO RENATTO (LUCIANOMETALLICA@HOTMAIL.COM - 45 9945.4779)

LORENZO BALEN (LORENZGBALEN@GMAIL.COM - 45 9811.7395)

NITERÓI/RJ:

JUAN IBAÑEZ (JUAN.IBA@BOL.COM.BR - 21 8145.4702)

LILIAN MATIAS (LIL.SLMATIAS@GMAIL.COM - 21 8200.6857)

MARECHAL CÂNDIDO RONDON/PR:

LUCIANO PALAGANO (CONDE-PALAGANO@HOTMAIL.COM - 45 9932.5798)

ARACAJU/SE:

WALLACE TELES (WALLACE.TELES90@HOTMAIL.COM - 79 9866.8415 / 8813.6776)

KARLA SUELY (KARLASUELY11@GMAIL.COM - 79 9102.8960)

PELOTAS/RS:

ALLAN GOIS (ALLAN.R.GOIS@GMAIL.COM - 53 8142.6297)

CAMILA SIQUEIRA KATREIN (CAMILAKATREIN@HOTMAIL.COM - 53 9154.3865)

MACEIÓ/AL:

LUCAS SOARES (LUCASISMESQUITA@GMAIL.COM - 82 9925.3830)

SÃO PAULO/SP:

GIOVANA DE MITRI (GI.MITRI@GMAIL.COM - 19 93329.7478)

CAMPO GRANDE/MS:

WAGNER ALVES (WAGNER-DINO@HOTMAIL.COM)